

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: 129

Data: 02/11/84

Pg.: _____

Índios Parakanã terão reserva de 307 mil hectares no Estado do Pará

Da Sucursal de Brasília

A proposta de demarcação da Reserva Indígena Parakanã, apresentada pela Funai, foi aprovada ontem, por unanimidade, pelo "Grupo", integrado pelos ministérios de Assuntos Fundiários, do Interior, representantes do Conselho de Segurança Nacional e Funai. A reserva indígena é de 307 mil hectares, com perímetro de 290 quilômetros, distribuídos entre os municípios de Itupiranga e Jacundá, no Pará.

Os Parakanã começaram a entrar em contato com a sociedade nacional em 1971 e, há treze anos, sofrem constantes transferências de área em virtude dos projetos governamentais. Em 1971, perderam parte de suas terras para a rodovia Transamazônica e, posteriormente, para a construção da hidrelétrica de Tucuruí. Parte do território tradicional desses índios será inundada pela hidrelétrica.

O presidente da Funai, Nelson Marabuto, anunciou ontem mesmo a decisão aos líderes Parakanã que se encontram em Brasília, e informou que "já existem recursos para a demarcação". Os recursos foram alocados pelo Projeto Carajás, que tem interesses na área. Assegurou Marabuto que até o dia 22 de novembro, data da viagem do presidente Figueiredo a Tucuruí, "as

questões serão solucionadas". Entre essas questões há o problema de 68 posseiros que se encontram dentro da reserva indígena, cinquenta dos quais com licença de ocupação do Incra.

A Funai espera gastar cerca de Cr\$ 20 milhões com a demarcação a ser feita pelo Serviço Geográfico do Exército, que cobra Cr\$ 800 mil por quilômetro demarcado. Os trabalhos se iniciam imediatamente após ser baixado o decreto do presidente Figueiredo reconhecendo a área como habitat indígena. Ontem mesmo, a Funai elaborou a exposição de motivos que será encaminhada ao Palácio do Planalto através do ministro do Interior, Mário Andreazza.

Em 1975, quatro anos depois do primeiro contato com esses índios, a Funai demarcou uma área para os Parakanã, com 189.681 hectares. Segundo o antropólogo Antonio Carlos Magalhães, que trabalha com os Parakanã, "não houve na época, respeito à área natural dos índios".

Doenças

Existem hoje no Brasil cerca de quatrocentos Parakanã. O primeiro contato ocorreu entre os anos 70 e 71, com o grupo que vivia nas margens do rio Lontra. Meses depois do primeiro contato, esse grupo sofreu uma redução populacional de 51 por

cento. As índias contraíram bienorragia com os peões que construíram a Transamazônica e a doença se disseminou por toda a tribo. A primeira geração nascida após a estrada apresentou problemas de cegueira, em consequência da bienorragia. Esse primeiro grupo contatado sofreu quatro transferências de área: do rio Lontra para o rio Andorinha, daí para a beira do rio Pucuruí e em seguida para o Parantim, onde se encontram hoje.

Embora há quatorze anos em contato com a sociedade nacional eles ainda não falam bem o português e precisam de intérpretes. No momento, funcionários da Funai que trabalham na área querem abrir estradas dentro da reserva indígena, ligando a área à Transamazônica e pretendem também instalar serrarias para exploração do mogno. O antropólogo Antonio Carlos Magalhães condena essa proposta porque a estrada facilitaria a entrada de invasores.

Além da área aprovada ontem, os Parakanã pretendem ocupar ainda as "ilhas" que serão formadas pelo lado de Tucuruí. Mas essa área é pretendida também pela Elettronorte, que pretende assentar 706 famílias de posseiros que ora vivem no Projeto Parakanã.